

METODOLOGIA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PROPOSTA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR NA SERRA DA GIBÓIA

André Barreto Sandes¹

Jackson Santos Fonseca²

Resumo

A Serra da Jiboia se encontra no Recôncavo Sul da Bahia e marca a transição entre o domínio da Mata Atlântica e da Caatinga. Rico em biodiversidade, inspira cuidados, já que se encontra ameaçada por atividades econômicas insustentáveis. Para preservar esse patrimônio natural é importante conhecer suas particularidades, desenvolver metodologias apropriadas para sensibilizar o máximo de pessoas, através da Educação Ambiental. Introduzir projetos práticos de Educação Ambiental nas Escolas revela uma concepção inovadora e um compromisso social em oferecer uma educação de melhor qualidade, comprometida com o resgate dos valores que encontram-se submersos nos mares capitalistas onde o econômico pressiona e afoga o equilíbrio natural e social. O presente trabalho tem como objetivo principal descrever o potencial pedagógico do geossistema da Serra da Jibóia, bem como propor um exercício interdisciplinar, com metodologias possíveis de serem desenvolvidas nas escolas das cidades que envolvem a referida serra. Acredita-se que um trabalho coletivo dinamiza o espaço escolar, tornando-o mais envolvente e, para tanto, se faz necessário um diálogo permanente entre as disciplinas e das disciplinas com a prática.

Palavras-chave: Escola. Educação Ambiental. Metodologia.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever o potencial pedagógico do geossistema da Serra da Jibóia, bem como propor um exercício interdisciplinar, com metodologias possíveis de serem desenvolvidas nas escolas das cidades que envolvem a referida serra, para sensibilizar o máximo de pessoas, através da Educação Ambiental .

Para tanto, optou-se pelo exercício da interdisciplinaridade, única capaz de atender a complexidade da Educação Ambiental, aqui entendida como o conjunto de ações educativas voltadas para a compreensão das relações existentes entre o meio físico (abiótico) e biológico (biótico), incluindo o homem, sua cultura, economia, política, sociedade, história, sob uma perspectiva holística e as relações entre os homens e desses com o meio. Objetivando o conhecer, o sensibilizar, o respeitar e o atuar em

¹André B. Sandes: Educador, Licenciado em Geografia (UNEB), Especialista em Educação Ambiental para Sustentabilidade (UEFS) e Gestão Educacional (FAZAG), Mestre em Teologia – Educação Comunitária com Infância e Juventude (EST), Doutorando em Educação (UCSF), Professor Regente pela SEC (Secretaria estadual de educação) Bahia - Laje e FACE (Faculdade de Ciências Educacionais) escritor de livros Infantis. Contato: absandes@hotmail.com.

² Jackson Santos Fonseca: Educador e Gestor, Licenciado em Geografia (UNEB), Especialista em Tecnologias em Educação (PUC) e Docência do Ensino Superior (UFRJ), Mestre em Teologia – Educação Comunitária com Infância e Juventude (EST). Professor Regente pela SEC (Secretaria estadual de educação) Bahia – Santo Antonio de Jesus e FACE (Faculdade de Ciências Educacionais). Contato: jacksonsantosnen1@hotmail.com.

prol de um ambiente mais saudável e uma melhor qualidade de vida (SANDES, 2003: p.12).

A ênfase dada à Serra da Jibóia é devido ao potencial natural e didático verificado nesse geossistema, além da necessidade de conhecer suas peculiaridades, potencialidades e refletir nossa responsabilidade em preservar esse patrimônio para as futuras gerações.

Diante desse desafio, será necessário realizar uma análise integrada e interdisciplinar desse patrimônio, onde cada área do conhecimento possa contribuir para despertar nos estudantes curiosidade e, sobretudo, o cidadão em potencial que cada um carrega dentro de si.

Partiremos do pressuposto de que “não é difícil amar as outras espécies de vida quando as conhecemos de perto” (WILSON, 2002, p. 16) só amamos e cuidamos daquilo que conhecemos e aprendemos a valorizar.

A mudança começa em nós e a busca de soluções é responsabilidade e de interesse coletivo.

Caracterização da Área de trabalho

Mata Atlântica

A Mata Atlântica é uma floresta tropical quente e úmida, predominante na faixa costeira que se estende por toda a costa brasileira, desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul.

Esse domínio morfoclimático que “já cobriu 12% da superfície territorial brasileira, hoje está reduzida a apenas 4% (sic) da sua área original” (ALMEIDA, 2000, p.06) devido à degradação sofrida desde o período colonial que a substituiu progressivamente pelas monoculturas da cana-de-açúcar, café, pecuária e mineração, provocando grande devastação pelo uso insustentável dos seus recursos.

Vale salientar que nessa faixa está localizada atualmente as principais metrópoles do país, sendo dessa forma, a mais industrializada, urbanizada, povoada e degradada pelas atividades agropecuárias, desenvolvidas para suprir a demanda de produtos primários destinados ao consumo.

O pouco que restou desse domínio se encontra atualmente em reservas protegidas ou com acesso restrito, áreas iníaveis à agropecuária ou onde foi possível conciliar desenvolvimento socioeconômico com preservação ambiental, como alguns locais no sul da Bahia onde o cacau é cultivado na mata.

A exuberante vegetação e rica biodiversidade é justificada pela distribuição azonal, ou seja, “variação latitudinal de 5° à 25° de latitude sul, variação de altitude (desde o nível do mar até mais de 1000 metros acima), contatos temporários com biomas diversos” (ALMEIDA, 2000, p.28), juntamente com diversos fatores naturais que colocam o Brasil numa posição de destaque, entre os maiores possuidores de potencial biológico do mundo, “com cerca de 357 milhões de hectares de floresta (30% de todas as florestas tropicais do planeta, mais que o dobro da área de quem ocupa o segundo lugar, a Indonésia)” (ALMEIDA, 2000, p.13).

Por outro lado, muitas espécies estão ameaçadas de extinção como mico-leão, onça pintada, lontra, tatu-canastra, e arara-azul-pequena e/ou são endêmicas, ou seja, são peculiares de algumas regiões por consequência da fragmentação, ilhas de florestas que resistiram às intensas agressões antrópicas.

Para se ter uma idéia do grau de endemismo,

53,5% das espécies arbóreas, 74,4% de bromélias e 64% das 76 espécies de palmeiras estão nessa situação e em relação à fauna, apresenta um endemismo elevado com 91,8% das 183 espécies de anfíbios, 39% das cerca de 23 espécies de marsupiais, 41% das 146 de répteis, 53% das 57 de roedores existentes, além de 39% das cerca de 130 espécies de mamíferos (ALMEIDA, 2000, p.32).

Tão rica quanto ameaçada, algumas espécies são extintas antes mesmo de serem estudadas e catalogadas, desperdiçando seu valor socioeconômico que constitui um dos maiores patrimônios do povo brasileiro, o qual bem utilizado, faria do Brasil uma potência mundial.

Na sociedade da informação que está se consolidando, essa biodiversidade representará riqueza maior do que representou o carvão e o petróleo na civilização industrial e, juntamente com o potencial de água potável e as substâncias farmacológicas, poderá conduzir o Brasil de forma soberana e solidária no mundo globalizado (BOFF, 2000, p.71-72).

O Geossistema da Serra da Jibóia

A Serra da Jibóia é uma das “ilhas” fragmentos acima citado, com remanescentes da mata atlântica que é, segundo o artigo 225, parágrafo IV da constituição federal de 1988 considerada patrimônio nacional. A EMBRAPA reforça a necessidade de cuidados, quando destaca que as pouquíssimas ilhas de florestas que restam não podem desaparecer. Esse ambiente é também área de proteção permanente

pela inclinação de suas vertentes e pela existência de inúmeras nascentes, existentes no perímetro da serra, fundamentais para o desenvolvimento da região e manutenção desse geossistema, o que a torna ainda mais frágil e delicada.

Situada no Recôncavo Sul da Bahia, numa posição ecótone, transição entre o domínio da mata atlântica e a caatinga, é bastante rica em biodiversidade, inspirando, dessa forma, cuidados urgentes, já que sua extinção, no futuro próximo, comprometerá a qualidade ambiental e socioeconômica da região que se encontra inserida no polígono da seca.

Todo esse ambiente será aqui tratado por geossistema, fundamentado na teoria geral que induziu concepções de comunidade e rede, interpretando o contexto e percebendo a natureza de suas relações (CAPRA, 1996, p.46-47), ou seja, um esforço de análise integrada, segundo Monteiro (2001, p.32), relacionando os fatores naturais e humanos, transcendendo a velha dicotomia homem / natureza, numa visão holística e polivalente onde os elementos socioeconômicos não sejam vistos como um outro sistema, oponente e antagônico, mas incluído no próprio sistema (MONTEIRO, 2001, p.54).

Características Geoambientais

A Serra da Jibóia, localiza-se na região econômica do Recôncavo Sul da Bahia e envolve parte do território de São Miguel das Matas, Varzedo, Santa Terezinha, Castro Alves e Elísio Medrado.

Samuel Santos (2003, p.20) afirma acertadamente que a área encontra-se sobre uma estrutura de escudos cristalinos, apresentando rochas altamente metamorfizadas, com diversos tipos de gnaisses. As diferenças litológicas existentes na região permitiram a ocorrência da erosão diferencial, fator que explica a formação da serra.

Seu clima é tropical semi-úmido e sua temperatura média anual 22° graus celsius. variando em função da altitude, que em alguns lugares passam dos 800m. O índice pluviométrico anual, de aproximadamente 1200mm no perímetro da área em estudo, é alto em função das constantes chuvas orográficas, concentradas principalmente entre os meses de abril à julho, contribuindo diretamente na formação e manutenção de importantes nascentes.

Em relação aos recursos hídricos, vale salientar que a serra marca o divisor de água, que separam as sub-bacias dos rios Jaguaripe, Da Dona, Jiquiriça e Paraguaçu, além de fornecer água de qualidade para a população autóctone. A preservação dessas

nascentes é de fundamental importância para o uso sustentável desse geossistema, uma vez, que se trata de um recurso cada vez mais escasso, principalmente no “polígono da seca” na qual a serra esta inserida.

Os latossolos e os podzóis são os tipos de solos predominantes na região, utilizados para o plantio de culturas tradicionais que substituíram progressivamente as anteriores pela pecuária extensiva, reduzindo drasticamente a biodiversidade e desencadeando sérios prejuízos ao ecossistema que se encontra ameaçado pelo uso irresponsável dos seus recursos, que já apresentam sinais de declínio e aspiram cuidados urgentes.

A vegetação predominante na vertente oriental é Floresta Ombrófila Densa, com remanescentes de Mata Atlântica, por receber influência das chuvas orográficas, onde os ventos úmidos, oriundos do litoral, ao encontrar essa barreira natural, faz precipitar grande parte da umidade que contribui para manter sua densidade e exuberância. Já na porção ocidental, por ser menos úmida, foi desenvolvida formações florestais caracterizadas como Floresta Estacional Semi-decidual, Floresta Decidual e Caatinga Arbórea com palmeiras.

Essa posição ecótona, ou seja, transição climática acompanhada pela vegetação, faz da região um tesouro natural com uma biodiversidade bastante rica, inclusive com espécies endêmicas.

As alterações antrópicas provocadas no entorno da serra provocaram a extinção de muitos habitats, fazendo da Serra da Jibóia um ambiente propício para atrair espécies da fauna que, ao perder seu habitat natural, migraram à procura de refúgio na serra e outros núcleos isolados que ainda resistem às ameaças.

Vista em imagens de satélite é possível visualizar que a Serra da Jibóia se tornou uma ilha de vegetação, apresentando-se hoje isolada, rodeada por áreas de pastagem extensiva que dominam na paisagem do recôncavo sul.

Infelizmente, práticas de queimadas, corte de árvores, caça predatória e extração de espécies da flora e fauna provocaram e continuam provocando sérios impactos a esse geossistema que tende a se agravar, caso medidas urgentes não sejam tomadas, para sensibilizar a população autóctone da importância de se preservar esse ambiente no presente para as futuras gerações e sua viabilidade econômica.

Não se pode desconsiderar os problemas socioculturais que induzem a utilização insustentável de seus recursos e nem a ausência de incentivos governamentais que viabilizem o desenvolvimento do pequeno agricultor. Em contrapartida, são priorizadas

as monoculturas dos latifúndios, principalmente do centro-sul do país, agravando a situação socioeconômica. Conseqüentemente esses proprietários de pequenas porções de terra recorrem aos recursos provenientes da mata, que não suporta e entra em declínio.

A perda das matas ciliares, por exemplo, ameaça os riachos e conseqüentemente as atividades agropecuárias que trará, em um futuro muito próximo, sérios prejuízos aos agricultores que necessitam desse recurso para desenvolver suas atividades, e sua ausência desencadeará problemas socioeconômicos de maiores proporções, aumentando o êxodo rural, pobreza e violência nos grandes centros urbanos. Como se pode perceber um impacto desencadeia vários outros até atingir dimensões continentais e globais.

A ausência da cobertura vegetal também provoca progressiva perda da fertilidade do solo, da produtividade e da renda dos agricultores. Outros efeitos desastrosos são a erosão e o ressecamento do solo, alterações do micro clima pela elevação da temperatura e redução da umidade provocada pela irradiação de calor à atmosfera, antes minimizada pela vegetação que absorvia grande parte. Para sanar o problema de fertilidade do solo, os agricultores nessa situação, normalmente recorrem a fertilizantes e agrotóxicos num esforço de melhorar a produtividade, numa relação cada vez maior de dependência e desespero.

Os impactos à flora, aliados às práticas inadequadas em áreas de declividade podem desenvolver erosão, desde a laminar que empobrece o solo pela perda do horizonte orgânico até a solifluxão, saturando o solo, podendo causar deslizamentos e surgir ravinas, vossorocas e inúmeros outros prejuízos.

Esses recursos químicos prejudicam a qualidade dos produtos cultivados e gera aumento no seu preço, além de poder contaminar cursos d'água ou o próprio lençol freático e a saúde das pessoas que ingerirem os alimentos e a água contaminados.

Para promover um desenvolvimento sustentável nesse geossistema deve-se, primeiramente, conhecer para cuidar desse ambiente, considerando suas peculiaridades, potencialidades e interações entre todos esses elementos naturais e humanos, compreendendo este ambiente (um geossistema) como um todo, para em seguida ou paralelamente planejar um desenvolvimento no sentido amplo, que envolva as dimensões sociais, culturais, econômicas e ambientais.

Potencialidades Pedagógicas da Serra da Jibóia e proposta de atividade interdisciplinar

Como foi demonstrado na caracterização da área de trabalho, mais especificamente no tópico referente às características geoambientais, a Serra da Jibóia constitui um excelente espaço para se desenvolver trabalhos interdisciplinares de educação, pois trata-se de um laboratório vivo onde os estudantes, com a orientação dos educadores, poderão perceber *in loco* os fenômenos estudados nas aulas, bem como os que foram acima mencionados.

São inúmeras as atividades que podem ser desenvolvidas nesse ambiente, sobretudo atividades interdisciplinares, que tem como objetivo principal fazer análises integradas de um “objeto” com a contribuição de diferentes áreas do conhecimento, para que possam juntas, conhecê-lo mais profundamente, através de consecutivas releituras e discussões.

O encontro de disciplinas, a vontade coletiva de aprender e discutir questões ambientais e o conhecimento das particularidades da Serra da Jibóia, tornam o processo de educação muito mais prazeroso porque aguça a vontade de aprender e o que é mais importante de aplicar o que aprendeu, minimizando a distância entre teoria e prática e contribuindo efetivamente para manutenção desse patrimônio para as futuras gerações.

Podemos sugerir como conteúdos e atividades preliminares a serem coordenadas pelos educadores das disciplinas de:

Geografia: Análises e interpretações de mapas com diferentes escalas, imagens de satélites, gráficos... discussão sobre impactos ambientais e conceitos específicos da área, recursos hídricos, migração, uso do solo, relevo, vegetação, o espaço rural, etc.

História: Coleta de materiais referentes às tribos que viviam no Recôncavo Sul e como se deu o processo de povoamento, a história da tecnologia e seus impactos ao longo do tempo e outros dados históricos que fundamentem o projeto e permitem pensar o presente para construção de um futuro mais promissor, etc.

Sociologia: As comunidades e suas relações entre si e o meio em que vivem, cultura, etc.

Filosofia: Contribuição no pensar continuado do trabalho, das possíveis consequências de nossas ações no presente e na própria essência do ser humano e de sua escala de valores, etc.

Biologia: Biodiversidade, extinção de animais silvestres, cadeia alimentar, ecossistemas da Mata Atlântica, a questão da água, prática de agricultura orgânica, etc.

Matemática: Análise de gráficos, dados estatísticos, altitude, a distancia percorrida, tempo provável, combustível que será necessário, etc.

Física: temperatura, pressão, calor, altitude, etc.

Química: elementos químicos que compõem as rochas e minerais, água como solvente universal, intemperismo, poluição atmosférica e dos recursos hídricos, etc.

Português: Interpretação e construção de textos, orientação e correção dos trabalhos e do relatório final, etc.

Redação: Auxílio na elaboração e organização dos textos e também do relatório final, etc.

Religião: Reflexão a respeito do ciclo da vida, da associação à força divina e do destino da biodiversidade, da humanidade e da vida no planeta, etc.

Inglês: Pesquisar e traduzir textos ou artigos em Inglês que tratam das questões ambientais, discutir o poder dos EUA e sua postura diante dessas questões, etc.

Artes: Colaboração na organização de painéis, maquetes, artistas que denunciavam as questões socioambientais, preparação do cenário e orientação na apresentação do trabalho, etc.

Educação Física: Movimento e condicionamento físico para caminhada em trilhas, velocidade de algumas espécies de animais, peso, calorias e estrutura física, etc.

Vale lembrar que os conteúdos sugeridos podem sofrer adaptações e/ou ser ampliados no decorrer do processo de desenvolvimento dos trabalhos, conforme necessidades do corpo docente. Os mesmos conteúdos podem ser trabalhados por disciplinas diferentes, se possível com dois ou mais educadores nas salas, discutindo e facilitando o estudo previamente planejado e organizado.

Metodologia

Para viabilizar a implantação de uma proposta interdisciplinar de Educação Ambiental faz-se necessário mesclar duas metodologias:

Baseada em projeto: Consiste em dinamizar o espaço escolar com atividades lúdicas para construir o conhecimento referente às questões ambientais, conhecer a nossa realidade e refletir sobre a necessidade de se preservar a biodiversidade, intervindo no real, instigando os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, indissociáveis nesse processo.

Realizar-se-á uma saída de campo para perceber *in loco* a realidade que nos rodeia, uma vez que em nosso entendimento, aprende-se participando, vivenciando segmentos, tomando decisões diante dos fatos e escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos.

Reflexiva: Compreendida como a reflexão sobre o papel que o ser humano desempenha no ambiente natural e social, além da construção de valores, concepções de mundo e formas de agir que levem em consideração o sentido de complexidade, interdependência e totalidade.

No que se refere às estratégias e motivações, vale salientar primeiramente que não é fácil convencer os educandos de que a natureza é importante e merece cuidados apenas pelo poder da lógica e da evidência, dessa forma, o modelo de aula expositiva é ineficiente e insuficiente, sendo necessário se utilizar de atividades lúdicas e saídas de campo para investigar a realidade na prática, se quisermos alcançar resultados mais satisfatórios.

Promover um encontro lúdico e prático de interação com o meio provoca prazer. O objetivo é motivar, informar e experimentar conhecimentos teóricos e sensoriais, através do convívio com colegas que pensam de forma semelhante ou não, explorar o experiencial e o valorativo para, em seguida ou em paralelo, trabalhar melhor o analítico, sem perder a noção do todo, da interdependência sistêmica.

Deverá ser realizada uma saída de campo, após serem analisadas diversas imagens e mapas, de diferentes escalas, para visualizar melhor o objeto de estudo e planejar bem o encontro. O vídeo documentário “Serra da Jibóia: um patrimônio ameaçado” produzido por André B. Sandes e Samuel Dias em 2003, poderá também ser explorado como recurso.

Para melhor visualização, abaixo segue sugestão de atividade:

Cronograma de atividades / Custos aproximados

1. Trabalho em sala de aula com os conteúdos preliminares sugeridos para cada disciplina (aproximadamente duas ou três semanas);

2. Estudo de caso da Serra da Jibóia – Mata Atlântica.

Obs: Momento (data a combinar) - Sem custos

3. Saída de campo para a Serra da Jibóia.

Obs: Momento (data a combinar) - Deslocamento: Sofre variação de acordo com a distancia e quantidade de pessoas.

4. Construção e apresentação do relatório da viagem à Serra da Jibóia (aberto à comunidade).

Obs: Momento (data a combinar) - Sem custos

Trabalho de campo

O trabalho de campo constitui-se uma oportunidade de visualização *in loco* das abordagens e discussões teóricas acerca das questões sócio-ambientais firmadas em sala de aula. É um momento de percepção da paisagem com um novo olhar, mais crítico e profundo em que o estudado é testado em sua veracidade e aplicabilidade.

Dessa forma, o trabalho de campo no geossistema da Serra da Jibóia proporciona o conhecimento das condições ambientais da nossa região, objetivando o reconhecimento de suas peculiaridades, potencialidades e de nossa responsabilidade em preservar esse patrimônio natural no presente para as futuras gerações.

Para tanto, pode-se visitar pontos que consideramos estratégicos para visualização dos impactos antrópicos negativos nesse ambiente, de algumas propriedades que desenvolvem atividades sustentáveis e de ações dos atores sociais que somam esforços no sentido de atrair militantes, sensibilizando e resgatando o horizonte utópico que é o que mobiliza a sociedade em buscar a construção de um mundo menos injusto e mais saudável.

Paradas / abordagens:

1- Fazenda Serra da Jibóia:

- práticas de piscicultura;
- turismo rural;
- desenvolvimento sustentável;
- fontes alternativas de energia.

2- Fazenda Ecológica São José:

- modelo de produção agroecológico;
- produção de adubo orgânico com processo de compostagem;
- desenvolvimento sustentável;
- recuperação de áreas degradadas.

3- Projeto Reflorar (GAMBA):

- histórico e atuação do projeto;
- produção de humos;
- reabilitação de espécies da fauna da Mata Atlântica;
- produção de mudas para reflorestamento.

4- Vila de Pedra Branca:

- produção artesanal de vinho (agroecologia);
- história do lugar;
- arquitetura.

5- Morro da Pioneira:

- chuva orográfica;
- biodiversidade e sustentabilidade;
- importância da Serra da Jibóia para a região e humanidade;
- Mata Atlântica (endemismo);
- zona de transição (clima e vegetação)
- recursos hídricos;
- ação antrópica;
- hipsometria e mudança de temperatura.

6- CODEVAJI:

- criação da APA (importâncias e obstáculos).

Sugestão de avaliação do trabalho realizado

Avaliação qualitativa, processual e contínua / Relatório de viagem e apresentação.

Considerações finais

Introduzir projetos práticos de Educação Ambiental nas escolas revela uma concepção inovadora e o compromisso social em oferecer uma educação de melhor qualidade, que busca desenvolver nos educandos valores, hoje submersos nos mares capitalistas onde o econômico pressiona e afoga o equilíbrio natural e social.

Neste sentido, a inserção de projetos dessa natureza, nas unidades escolares, propicia um espaço privilegiado para debate das questões ambientais (locais e / ou globais), garantindo uma formação média com duplo caráter: o de formar cidadãos comprometidos e sensíveis à preservação da qualidade de vida no planeta, capazes “de ver o mundo não como coleção de peças isoladas, mas como um quebra-cabeça que está fundamentalmente interconectado, interdependente como uma teia onde os seres humanos são apenas um fio particular na teia da vida” (CAPRA, 2001, p.26), e o de ingressarem nas universidades com maturidade que permita desenvolver suas atividades profissionais no mercado de trabalho sem sobrecarregar a capacidade de carga do meio ambiente.

Para tanto, faz-se necessário, criatividade e coragem para percorrer difíceis e longas trilhas, exigindo de todos envolvimento, comprometimento, otimismo e perseverança. É provável que sem essa integração efetiva o avanço seja limitado,

podendo o projeto se esfalçar junto com o meio ambiente local, que já se encontra numa situação preocupante.

Ainda assim é possível a postura transformadora, desde que prática. “Revolução é sempre cabível, mas não em teorias, na sala de aula pode-se dizer tudo, do modo mais radical imaginável, porque nada acontece. A crítica sem prática coerente faz a mesma função do pão e circo” (DEMO, 1999, p.89).

Parafraçando Paulo Coelho, “quando queremos algo o universo conspira ao nosso favor”, não devemos então permitir que os problemas tomem proporções ainda maiores (irreversíveis), pois “a guerra não é evitada, mas adiada para vantagem dos outros” (MAQUIAVEL, 1996, p.23), no nosso caso, da degradação sócio-ambiental.

Para amenizar os problemas do entorno da Serra da Jibóia e promover seu desenvolvimento sustentável recomenda-se:

- A iniciativa das Escolas e Secretarias de Educação municipais que envolvem o perímetro da Serra, de explorar as potencialidades pedagógicas desse geossistema com um enfoque interdisciplinar, para despertar desde cedo a responsabilidade e o amor pelo ambiente no qual estamos inseridos;

- Uma atuação efetiva do Poder Público no sentido de disponibilizar recursos para fomento à pesquisa e estímulo às iniciativas práticas que auxiliam na preservação desse patrimônio;

- A ampliação de parcerias entre Escolas, Prefeituras, ONGs, Igrejas e Sindicatos, envolvendo a comunidade local, sem as quais, qualquer projeto estará condenado ao fracasso;

Dentro dessa perspectiva, esse trabalho poderá servir como ponto de partida rumo a uma tomada de consciência coletiva para cuidar do que ainda nos resta desse patrimônio natural. Para tanto, acreditamos profundamente nas premissas da Educação Ambiental como instrumento para essa tarefa, principalmente na sensibilização das crianças e adolescentes, que herdarão esse planeta e tomarão as decisões do amanhã.

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, D. S. **Recuperação Ambiental da Mata Atlântica**. Ilhéus: 2000.

BOFF, L. **Depois de 500 anos: que Brasil queremos?** Petrópoles, Rio de Janeiro: 2000.

CAPRA, F. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: 1996.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**: polêmicas do nosso tempo. Campinas: 1999.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. 7^a ed. Rio de Janeiro: 1996.

MONTEIRO, C. A. F. **Geossistemas**: a história de uma procura. São Paulo: 2001.

SANDES, A. B. **Releitura socioambiental da Serra da Jibóia**: um estudo voltado para a produção continuada em Educação Ambiental. Monografia do Curso de Especialização em Educação Ambiental para Sustentabilidade. UEFS- Feira de Santana: 2003.

SANTOS, S. D. **Lágrimas da Serra**. Monografia do Curso de Especialização em Desenvolvimento Regional Sustentável. UNEB – Santo Antonio de Jesus: 2003.

WILSON, E. O. **Biodiversidade**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1997.

_____. **O futuro da vida**: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana. Campos, Rio de Janeiro: 2002.